

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume

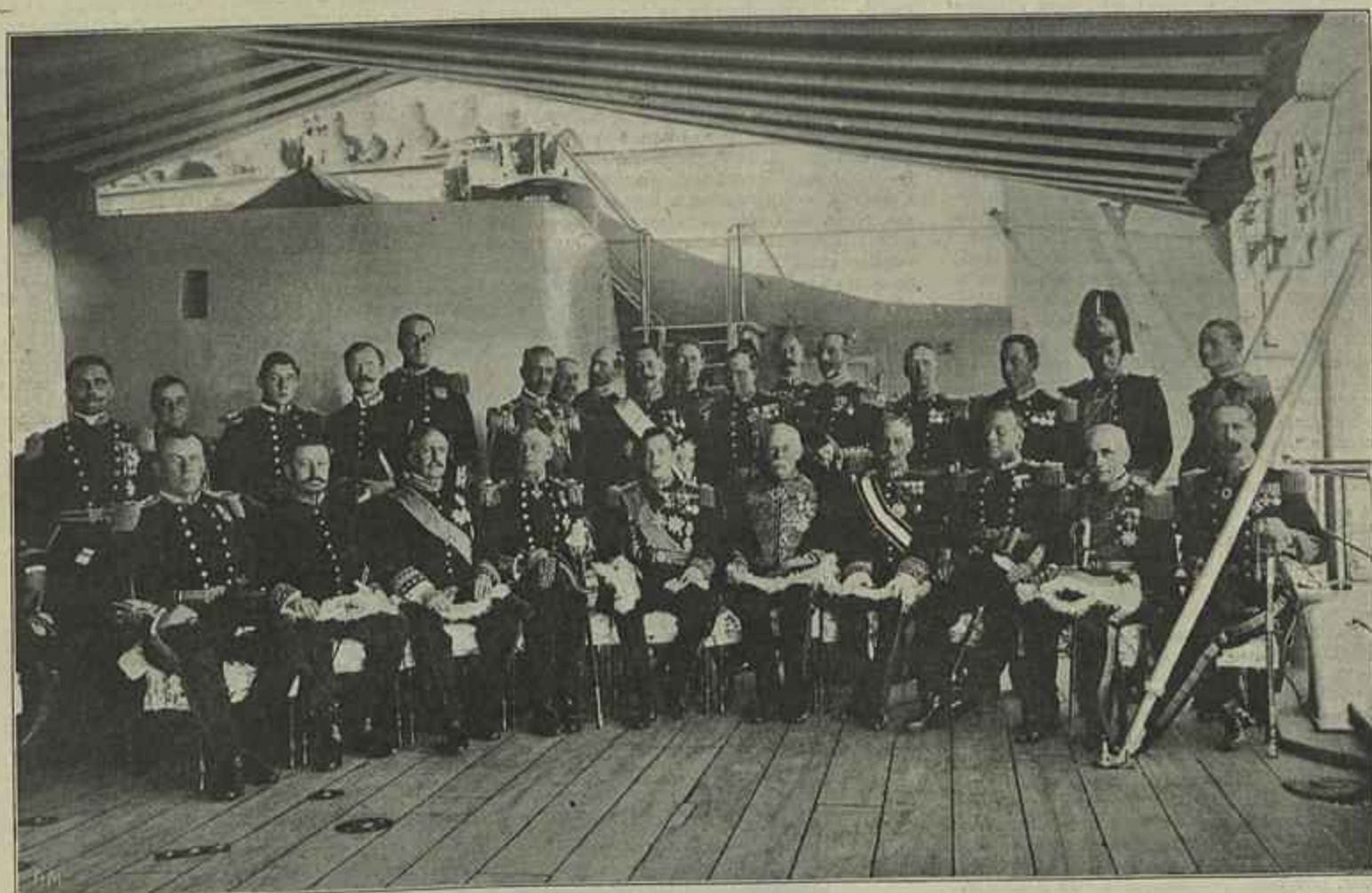
Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Agosto de 1909

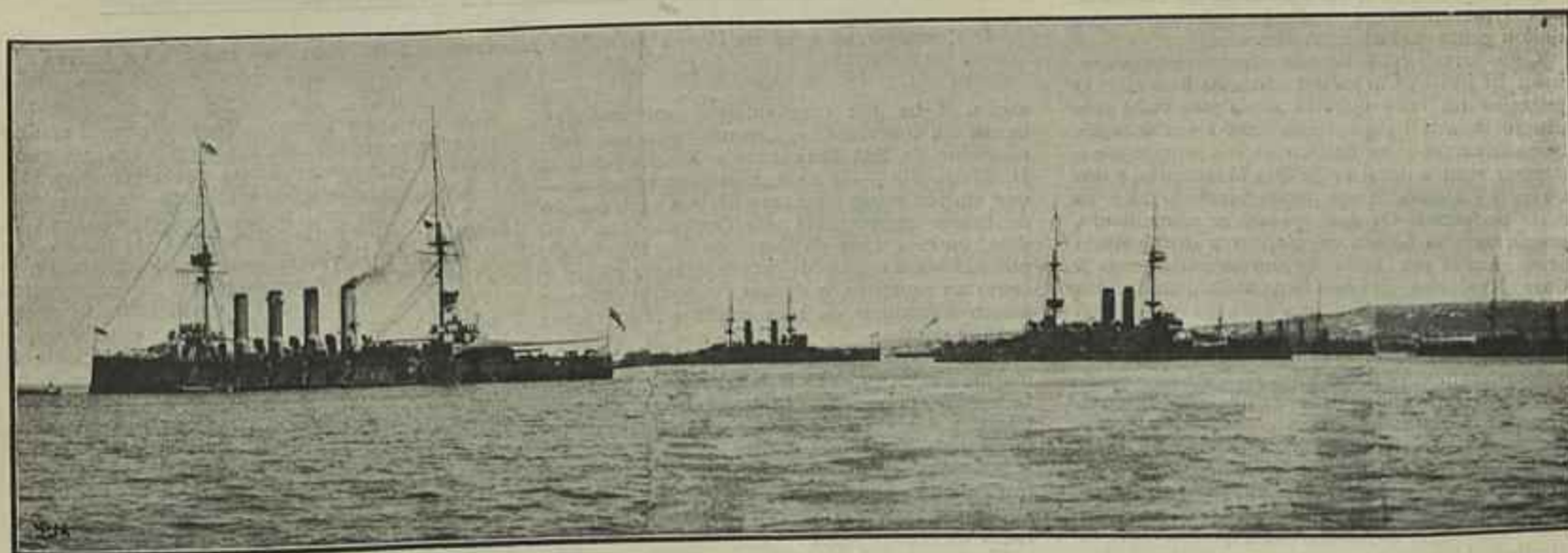
Disposto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1102

Visita da Esquadra Inglesa



A BORDO DO NAVIO ALMIRANTE — S. M. EL-REI D. MANUEL II EM GRUPO COM SIR HENRY JACKSON, CONTRA-ALMIRANTE, OFICIALIDADE DA ESQUADRA, PRESIDENTE DO CONSELHO, MINISTROS DA MARINHA E DOS ESTRANGEIROS E COMITIVA REAL.



A ESQUADRA INGLÊSA NO TEJO COMPOSTA DOS COURAÇADOS «SWIFTSURE», «TRIUMPH», «CANOPUS», «OCEAN», E CRUZADORES «LANCASTER», «SUFFOLK» E «BACCHANTE»

(Clichés Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Os reis nem sempre são as criaturas felizes que muita gente imagina. Falta-lhes, sobretudo, para o serem, que os deixem em paz, quando muitas vezes elles não pediriam outra coisa nem ao seu povo nem aos seus governos.

Houve uma vez um rei que passou pela vida verdadeiramente feliz, que foi o Rei da Madureza. Mas não ha memoria de outro. E vae-se a vêr porquê? Por ser esse o unico que foi rei, sem lhe ser preciso ter vassallos.

Têm-se visto agora em Portugal, onde ainda não ha republica, um caso que nos dá a impressão de que, ao contrario, a republica acaba de ser proclamada e que os seus homens, tomando posse dos cofres do Thesouro Publico, e não encontrando nelles um ceitil, se julgam na absoluta necessidade de ter que o declarar ao paiz, para que depois não lhes sejam pedidas contas de dinheiro que elles nem sequer viram. Refiro-me ao caso dos *adeantamentos*, e penso que, com vassallos taes, o destino dos reis é fatalmente, e pelo menos, o exilio.

A commissão parlamentar incumbida de apurar a quanto montavam os *adeantamentos* á Casa Real, deu por finda a sua tarefa e fez publicar o relatório das suas buscas, que é documento extensissimo. Nesse relatório se diz que os *adeantamentos* feitos pelo Thesouro durante o reinado do Senhor D. Carlos, foram a sequencia de actos já anteriormente praticados, e os seus resultados mais funestos que o proprio mal que constituíam.

Tornados publicos por declarações do governo, originaram a violentissima campanha politica a que assistimos por parte da imprensa de combate e dentro do proprio Parlamento. Assim se foi pouco a pouco formando no espirito publico uma opinião que, *por falta de inteiro conhecimento dos factos, sempre teve de ser errada porque nunca pode ser completa.*

O sublinhado, ou italico, é nosso. As palavras sublinhadas são as proprias palavras da Commissão parlamentar. Ora, precisamente o que parece ter servido aos amigos da Corôa como razão para darem a publico como certo o que sómente se tinha por incerto, é aquillo mesmo que, na modesta opinião da Chronica, deveria ter sido razão para nada se dizer do que já agora toda a gente positivamente sabe.

A Commissão parlamentar investigadora é composta na sua grande maioria por deputados ferrenhamente monarchicos, fazendo tambem parte della um deputado republicano e um outro que, como notoriamente é sabido, teve papel preponderante no gorado movimento revolucionario de 28 de janeiro, que devia ter deitado por terra a monarchia.

Estes dois deputados assignaram vencidos o relatório da Commissão, o que parece provar que, dada a extrema franqueza com que esse relatório patenteia os factos, foram elles os unicos que acharam franqueza de mais. Sempre os tivemos, a ambos, por bons patriotas, mas esta indicação ainda no-los mostra mais alevantadamente patriotas. São os srs. Antonio José de Almeida e João Pinto dos Santos.

O que já não pôde ser levado agora á conta de pouco patriotismo, é o alludir a factos de que toda a gente está no conhecimento.

Cedo principiou o Estado a fazer *adeantamentos* a El-Rei D. Carlos por conta da lista civil. O primeiro foi feito quando ainda não tinha sido promulgada a lei que devia fixar a sua dotação. Successivamente se fizeram outros sempre a encontrar com a dotação de Sua Magestade, e dos quaes só alguns foram pagos por deducção — os mais pequenos. Os maiores iam-se accumulando, procurando-se depois regularisar a divida desta proveniencia por meio de um arrendamento á Casa Real dos diversos bens até ahí usufruidos gratuitamente pelo Estado.

«A pressa com que todos, juizes, ministros e parlamentares — diz o relatório da Commissão — concordaram em reclamações da Casa Real, muitas das quaes não tinham justificação possivel, derivou não de subservencia, mas do reconhecimento verdadeiro da situação insustentavel da fazenda da Casa Real depois da imprudente cedencia de 90 contos de réis annuaes em 1894.»

Esta cedencia de noventa contos por anno feita pela familia real ao Thesouro foi quando Oliveira Martins, chamado ao poder como ministro da Fazenda, declarou em alto e bom som quanto era difficil a situação financeira do paiz, solicitando da boa vontade de todos o auxilio que tão preciso era ao Estado. E todos se sacrificaram, sacrifi-

cando-se tambem, muito espontaneamente, a Familia Real.

Pois é a este acto só então tido por louvavel, que um grupo de valentes parlamentares monarchicos não duvida classificar agora de *imprevidente, generosidade e imprudencia.*

A persuasão de que os reis podem dispôr livremente de toda a quantia que a lista civil lhes garante, é um erro que deforma justas proporções. Basta saber-se, para bem apreciar tal erro, que a parte mais importante da lista civil é assignada ao pagamento de pessoal exigido, um por lei, outro por deveres e tradições de côrte, e a maior parte pelas necessidades impreteriveis do serviço nos paços reaes. A Casa Real portugueza, ao contrario das de outros paizes onde estas despesas se incluem nos orçamentos de varios ministerios, tem custeado as da conservação dos palacios reaes e jardins destinados aos monarchas, as da manutenção dos estados de gala, a da mórdomia-mór, as da beneficencia privativa do Paço, as das bibliothecas, museus e escolas reaes, as das capelas dos diferentes palacios e até as duma igreja, que é a igreja da Memoria. E as despesas da real manutenção, as das cavaliarias reaes, as do pessoal reformado, da guarda dos archivos, e tantas outras que, mais do que aquellas lhe são propriamente inherentes!

Mas tudo isto, que já parece muito, é pouco, se vamos a vêr o que se passa com a administração dos dinheiros que saem do Tesouro com destino aos gastos do Paço. A commissão fez o que teve por seu dever, meteu o nariz onde não era chamada, e cheirou-lhe a suspeita de que as casas reaes não têm sido sempre louvavelmente administradas... Os enganos (de que não só vivem os escrivães), os equívocos, os casos dubios, as confusões, os qui-pró-quós, os mal-entendidos, os lapsos, apparecem no rosario de contas da administração particular do Paço, não como os padre-nossos entre as avé-marias, mas como as avé-marias entre os padre-nossos dos outros ro-

amortisação não podiam satisfazer, viram-se os reis obrigados a pedir á nação o pagamento das suas dividas. Quando, porém, isso vinha a fazer-se, resultava que o total das dividas excedia o das doações reaes, como era natural, pois que, mesmo quando ellas fossem a razão unica das dividas e dos embaraços da administração da fazenda da casa real, vinham agora acrescidas dos juros e sobrecarregadas com os maus resultados de uma administração que tinham desorganizado.»

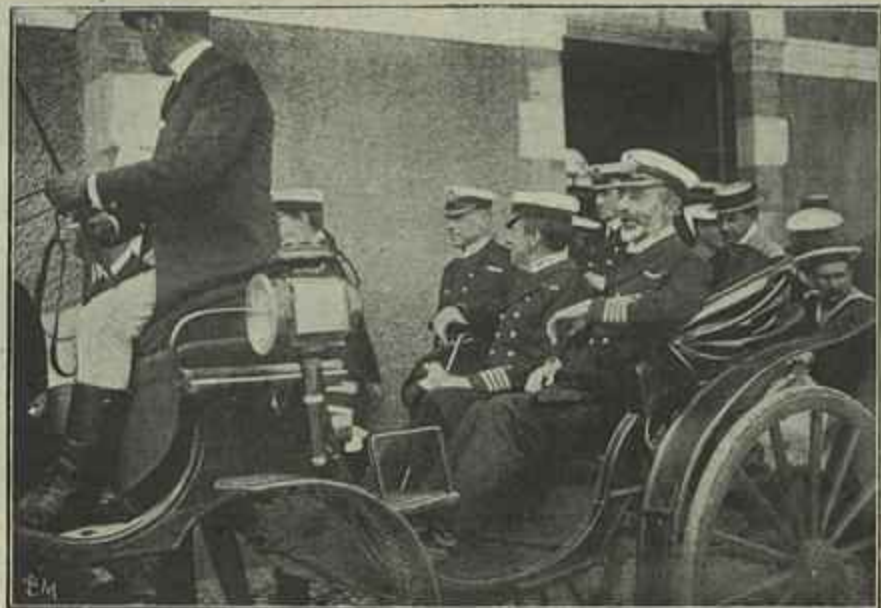
«Os *adeantamentos* feitos ás pessoas da familia real constituem irregularidades de administração, cujas causas são as dificuldades financeiras da Casa Real e as deficiencias na legislação de contabilidade, devido ás quaes podiam os ministros da fazenda, até ha pouco, por operações de tesouraria, efetuar pagamentos sem fiscalisação nem conhecimento das camaras — visto as contas de despeza annual deixarem de ser regularmente apresentadas.»

«Pela primeira razão, os ministros que tinham conhecimento direto da situação da fazenda real sentiam a necessidade moral, quando não politica, de a auxiliar, e aquelles que aconselharam ou consentiram as cedencias reaes estavam em má situação para negar depois qualquer *adeantamento.*»

«Não ha, além d'istó, entre as disposições da lei de contabilidade nenhuma que formalmente os impedisse, e embora as leis geraes o não consentissem, o certo é ter-se estabelecido, no uso das operações de tesouraria, uma liberdade de acção ministerial que era publica e de resultados que o parlamento desculpava.»

«E' conhecida a deliberação parlamentar que, indirectamente, sacionou os *adeantamentos* feitos ás companhias dos caminhos de ferro do Norte de Portugal, Mala Real, Ambaca, etc.»

«Havendo estes usos e desculpando o parlamento que, por esta fórma, se tivesse acudido a companhias particulares que nunca haviam ce-



O CONTRA-ALMIRANTE SIR HENRY JACKSON E COMMANDANTES DA ESQUADRA INGLÊSA EM CINTRA

sarios. E ha, por vezes, mais do que enganos, lapsos ou, confusões: «... vimos como um administrador de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia — diz a commissão parlamentar — que em seu nome levantava dinheiro sob caução de titulos emprestados pelo Thesouro, em Londres, onde a taxa do desconto é sempre baixa, por sua vez e a Sua Magestade cobrava 7 1/4 por cento ao semestre, e de um dia para o outro se solveu a diminuir os seus creditos de 57 contos para 22 contos.»

A commissão parlamentar e a chronica concluem d'aqui que não é para presumir que taes factos fossem os unicos praticados pelos administradores das casas reaes susceptiveis de uma interpretação desfavoravel.

Pergunta-se: até que ponto terá uma administração, que assim se prova ter sido descuidada e pouco regular, contribuido para agravar os embaraços da familia real?

Ninguém o sabe; mas nem a commissão, nem a chronica, duvidam attribuir-lhe uma grande parte das responsabilidades nas dificuldades financeiras do Paço.

«Obrigados a contrafr emprestimos, cujo juro e

dido coisa em favor do Thesouro, seria motivo para justo reparo dos reis verificarem que a seu respeito se empregava uma severidade especial.»

Estas considerações embaraçavam os ministros. Nenhum autorisava os *adeantamentos* sem uma contrariedade que se nota em muitos dos despachos que fazem parte dos documentos que a commissão de inquerito juntou ao seu relatório.

Quando dirigiam o ministerio da fazenda pela primeira vez, os seus primeiros despachos, que autorisavam *adeantamentos*, denunciavam, pelos espezias cuidados de redacção que lhes mereciam, o constrangimento com que a isso se resolveram. Depois, reconhecendo que estas irregularidades constituíam uma especie de normalidade, acabavam por aceitar os factos como eram...

Uma lei de 1898 determinou depois que as ordens certas ou incertas relativas a todas as operações de tesouraria fossem examinadas, sob o ponto de vista da legalidade, e visadas pelo Tribunal de Contas. Mas esta disposição ou nunca foi cumprida, ou, se chegou alguma vez a sê-lo, deixou de o ser.

O relatório da commissão parlamentar traz como conclusão a necessidade de uma lei de res-

ponsabilidade ministerial, e outra que não consinta despesas extraordinárias com o Paço sem prévia autorização das Camaras. Das conclusões precisa realmente a monarchia. Do relatório é que ella não precisava.

JOÃO PRUDÊNCIO.

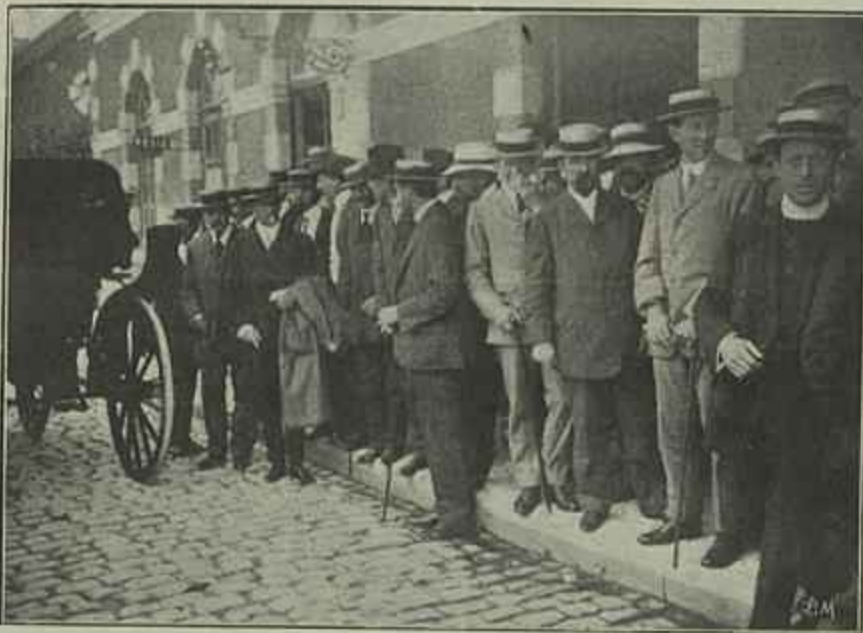


Visita da esquadra inglesa

No dia 26 de julho ultimo, fundeou no Tejo uma esquadra inglesa do comando do contra-almirante *sir* Henry Jackson, composta dos couraçados *Swiftsure*, *Triumph*, *Canopus*, *Ocean* e dos cruzadores *Lancaster*, *Suffolk* e *Bacchante*. Antes de 1890, eram frequentes as visitas de esquadras inglesas ao nosso porto, onde até vinham invernar, especialmente pelo Natal, mas depois do celebre *ultimatum*, passaram-se mais de dez annos sem haver essas visitas.

Nos ultimos tempos, porém, as esquadras inglesas tem vindo annualmente á grande bahia de Lagos, como centro de suas manobras nos nossos mares e ha dois annos veiu tambem ao Tejo uma esquadra onde esteve poucos dias, como agora aconteceu, pois só se demorou de 26 a 29 de julho.

Esta esquadra veiu a Lisboa em missão espe-



OS OFICIAES DAS MARINHAS INGLESA E PORTUGUESA, EM CINTRA

cial de cumprimentos a El-Rei D. Manuel II, sendo o seu comandante, *sir* Henry Jackson, portador de uma carta autografa de Sua Magestade Britanica o Rei Eduardo VII para o soberano portuguez, convidando-o a visitar a Inglaterra.

Este convite é seguramente de grande desvanecimento para a nação portuguesa, na pessoa do seu chefe, e de alta significação politica avigorando a aliança secular daquella poderosa nação com Portugal.

El-Rei veiu de Cintra no dia 27 de manhan para receber no Paço das Necessidades os cumprimentos de *sir* Henry Jackson e comandantes dos navios da esquadra, e nesse mesmo dia visitou o navio almirante, onde almoçou, trocando-se afétuosos brindes do contra-almirante *sir* Henry Jackson, a que El-Rei correspondeu.

Na quarta-feira, Sua Magestade recebeu o contra-almirante e comandantes da esquadra no Castelo da Pena, onde lhes ofereceu almoço, assim como a *sir* Villiers, ministro inglez nesta côrte, ministros dos estrangeiros e da marinha, etc.

Uma comissão de officiaes da marinha portuguesa, convidou, para um almoço em Cintra, os officiaes da esquadra em numero de cincuenta e seis, almoço que se realisou no hotel Costa, com cento e tantos convivas.

Foi uma digressão agradabilissima, entretendo o resto do dia em passeio ao Castelo dos Mouros, Monserrate, Quinta do Relogio, etc.

A esquadra levantou ferro na quinta-feira de manhan, dirigindo-se para Gibraltar.

El-Rei D. Manuel II deverá efétuar a sua viagem a Inglaterra, em novembro proximo.

O AEROPLANO BLERIOT

A travessia do Canal da Mancha

Quem, ha cerca de dez annos, lêsse a epigrafe acima, julgar-se-hia, certamente, em frente de algum reclame a um novo trabalho do fecundo escritor Julio Verne, aquelle extraordinario vulto que tanta obra de vulgarisação científica produziu, e dentre as quaes, já se acham em pratica as mais facilmente realisaveis.

Mas não. A epigrafe que nos serve de titulo não é mais do que um facto realisado, e que teve logar em 25 de julho do corrente anno. Foi Bleriot o primeiro que conseguiu atravessár, em aeroplano, o Canal da Mancha, desembarcando em territorio inglés, não sem trabalhos, não sem tormentos, não sem arrelias. A tentativa do arrojado navegador aereo não era decerto das mais simples, donde se depreende que só a custo de grande persistencia de sua parte, poudo gloriarse de ter atingido o resultado que pretendeu.

E' certo que entre os peões da aviação, muitos fizeram grandes coisas, mas ninguem, como Bleriot, fez tanto.

Genio empreendedor, rapaz laborioso e intelligente, dominado pela ideia de ir além do que até aqui estava feito, elle proprio construia e experimentava os seus aparelhos. Diplomado com

laboração com Levasseur e Voisin, inaugurou o *Bleriot n.º 4*, isto é, o seu quarto projecto. Era formado por duas elipses de pano, achatadas constituindo uma especie de canal que deveria impedir os desperdícios marginaes do ar que tinham por fim sustentar o aparelho. O aeroplano, cujo peso era de 400 kilos, com 40 metros quadrados de superficie, era munido de um motor de 24 caválos. Sustentado por tres flutuadores em tecido impermeavel, fez varias evoluções, no lago Enghien com fracos resultados. Substituiu a camara elliptica, á frente, por um biplano, e o resultado continuou negativo.

Bleriot persiste no trabalho, e em 1907, eis que imagina um novo monoplano que denomina *Canard* e que parecia destinado a cumprir a ideia gigantesca do seu construtor, quando uma manobra em falso o destroe, em 22 de junho de 1907.

Inspirado no typo Langley, combina Bleriot uma nova forma do seu aparelho, constituído por dois grupos de asas de pequenas dimensões, dispostas em tandem, tendo uma superficie maxima de 16 metros, e com um motor de 24 caválos.

Restava ainda conseguir uma fórma de amortecer o choque por motivo de quedas. Para isso, augmentou o numero de vélas, modificando-lhe a disposição e d'esta fórma, consegue, em 21 de outubro de 1908, efétuar a viagem de ida e volta, de Toury a Artenay.

Ferido no seu amor proprio, pelas proezas de Wright, as suas ideias dirigem-se de novo para o biplano, construindo um aparelho gigantesco de 600 kilos, e á segunda tentativa, apresenta-nos o *Bleriot n.º 11*, que consegue a viagem de Etampes a Orleans, percorrendo 46 kilometros em menos de uma hora, e, finalmente, atravessar a Mancha.

Eis, em rapidos traços, a longa serie de experiencias formuladas por Bleriot para realisar um aeroplano que se distingue dos demais, pela sua grande simplicidade.

O corpo do aparelho fusiforme, constituído por duas ou tres traves de madeira, cujo conjunto é mantido por fios de aço triangulares, mede 7^m,50 de comprimento por 66 centimetros de largura no ponto de inserção das asas, em fórma de retangulo com 2 metros de largo por 4 de comprimento. A superficie total do aparelho é de 14 metros quadrados. Um sistema de desvios substitue o sistema de asas inversamente conjugadas, que permitem o equilibrio transversal.

Na parte anterior, um novo sistema de asas regulam a estabilidade longitudinal. Um leme, governa a direcção. O peso total deslocado é de 320 kilogrammas.

A esta singelesa de estrutura, corresponde igual facilidade em manobrar o aparelho. As duas alavancas dos outros aeroplanos são reduzidas a uma só, devido a uma disposição engenhosa. Os cabos de governo das asas terminam n'um circulo de direcção, que facilmente se manobra para corrigir qualquer inclinação do aparelho. Um pedal acciona o leme.

De tudo quanto se tem feito sobre aviação, parece que é principalmente dos motores que depende o progresso da navegação aerea; e assim, Bleriot triunfa, com um aparelho reduzido, bem equilibrado, accionado por uma maquina relativamente pesada.

Foi, como dissémos, em 25 de julho do corrente anno, que Bleriot conseguiu transpôr a Mancha e penetrar em territorio inglés. Essa tentativa foi decidida na vespera, á noite. Nessa tarde, a tempestade que invadia as costas, acalmou, e já pela madrugada, o ar e as aguas apresentavam-se favoraveis, embora soprasse vento fresco do sudoeste. Pelas tres horas e um quarto da madrugada, partia Bleriot no seu automovel para se dirigir ao local onde se achava o seu aeroplano. Estava calmo, grave e sorridente, e sua mulher, a seu lado, commovida mas querendo aparentar coragem. Além della, alguns amigos acompanhavam-n'o.

Bleriot despede-se de todos afétuosamente, sobre para o seu automovel que parte e desaparece na escuridão indecisa entre a noite e o dia, que estava prestes a romper, e sua mulher embarca no *Escopette* que levanta ferro pelas tres horas e tres quartos.

As quatro horas e um quarto, tudo está pronto. Bleriot toma logar no seu aeroplano, que vda rapido e seguro, e ás quatro e trinta e cinco mi-

o curso de engenheiro da Escola Central, a sua superioridade sobre os seus emulos, para prescrutar os misterios tecnicos da aviação, era evidente.

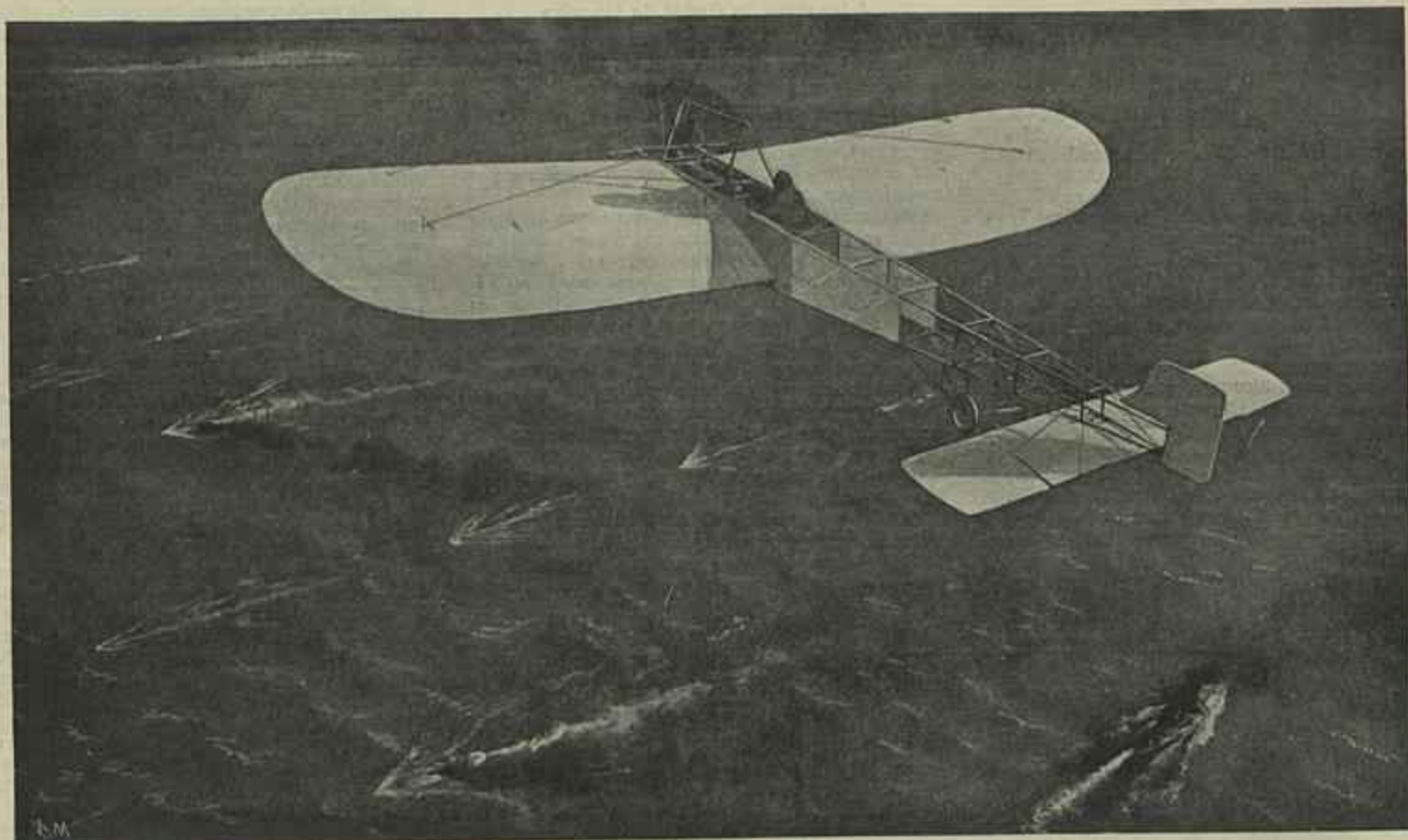
Bleriot não desanimava nunca da sua ideia, e dispndia quantias fabulosas na construção dos seus aparelhos, que estudava previamente durante semanas, durante mezes seguidos, num estudo pertinaz, perdendo muitas noites para resolver o *x* da equação. A incognita parecia já ter solução, quando pequenos detalhes ainda imperfeitos se lhe apresentavam, e então, elle, concentrava-se de novo no estudo, aperfeicoando essas imperfeições, corrigindo esses defeitos, emendando esses erros. Compreende-se, pois, que qualquer não poderia obter os mesmos resultados, sendo necessario um homem de uma tempera escocional para poder resistir a todas as contrariedades, como o é o joven campeão da navegação aerea.

Como muitos outros, Bleriot tomou como ponto de partida, que, para o homem voar, necessitava, antes de tudo, imitar os passaros, e em fins do anno de 1900, construiu um pequeno aparelho de asas batentes, com 1^m,5 de comprimento e o peso de 10 kilos, accionado por um motor de gaz carbonico da força de 2 caválos.

Em janeiro de 1901, experimentou o brinquedo por elle construido, e como o resultado fosse satisfatorio, construiu outro aeroplano do mesmo modelo com a força de 100 caválos. Uma explosão de um motor fê-lo, porém, desanimar. Mas aquelle homem estava preocupado, queria vencer o ar, precisava dar vazo ás ideias que se aglomeravam no seu cerebro.

Foi então que, após varias tentativas, e de col-

O Aeroplano Bleriot



MR. BLERIOT ATRAVESSA NO SEU AEROPLANO O CANAL DA MANCHA
DIRIGINDO-SE PARA INGLATERRA

MR. E MME. BLERIOT RECEBIDOS PELO «MAIRE» DE DOUVRES

A POPULAÇÃO DE DOUVRES ACLAMANDO MR. BLERIOT,
QUE SE DIRIGE DE AUTÔMOVEL PARA O SAVOY HOTEL



(De fotografias)

Espanha e Marrocos



UMA AVANÇADA DE INFANTERIA ESPANHOLA FAZENDO FOGO CONTRA O INIMIGO



O GENERAL MARIN, GOVERNADOR DE MELILLA



SOCORROS AOS FERIDOS, NA AMBULANCIA DAS FORÇAS ESPANHOLAS



A ARTILHARIA ESPANHOLA FAZENDO FOGO SOBRE OS RIFENIOS

nutos lança-se no ar, para o lado do mar. Em pouco tempo, alcança o *Escopette*, com grande desgosto de Latham que tentava também a experiência, e em breve põe-se fóra do alcance da vista daquelles que o observavam.

Nem um navio, no horisonte coberto de nevoa, nem uma unica esperança de salvação, em caso de sinistro.

Tendo dirigido insufficientemente o seu aeroplano, atinge Bleriot a foz do Tamisa. Como não alcançasse Douvres, compreendeu logo ter errado o percurso. Contudo, não desanimou, mostrando-se cheio de sangue frio e energia. Procurou a direcção, como verdadeiro *touriste* do ar, e como nesse momento visse uma flota de *destroyers* escoltando dez submarinos que vinham á frente da esquadra ingleza e se dirigiam para Cowes, para a visita do Czar, pensou que Douvres lhe ficasse á esquerda, manobrando immediatamente o seu aeroplano nesse sentido. Até esse momento, o vento era-lhe favoravel, mas agora, este tornara-se violento e contrario. Foi a parte patetica da travessia. Finalmente, depois de algumas contrariedades, Douvres achava-se na sua frente, pretendendo ganhar a praia de Shakespeare Hell onde o esperava seu amigo Lapeyrouse. Bleriot era o centro de uma verdadeira tormenta



D. JOSÉ IBAÑEZ MARIN

TENENTE-CORONEL DO BATALHÃO DE FIGUEIRA
MORTO NA ACÇÃO DE 23 DE JULHO

(De fotografias)

nas ondas aericas. Como um passaro que se abriga da tempestade, procurou Bleriot também um abrigo. A sua direita, encontra um rochedo que dominava, por cima da cidade, o castello de Douvres. Finalmente, a Mancha tinha sido atravessada, pelas cinco horas e meia da madrugada. Partindo de França ás quatro horas e trinta e cinco minutos, fez, pois, a travessia em trinta e oito minutos. Este tempo é aliás normal, a distancia de Calais a Douvres, sendo de 40.574.

Está, pois, ganho o premio de 25.000 francos do *Daily Mail*. Resta ainda saber qual o aviador que obterá o segundo premio de 12.500 francos, formulado por Ruinard, e cujo praso de obtenção termina em 1 de janeiro de 1910.

Começa agora um periodo de gloria para o jovem e já celebre aviador. O grande jornal *Le Matin* acaba de comprar por 10.000 francos o balão a Bleriot para o offerecer ao museu de Paris.

Além d'isto, o *Aero Club* de França tenciona proceder á collocação da pedra commemorativa da primeira travessia da Mancha em aeroplano.

O *maire* de Langatte também vae mandar collocar no caminho de Baraques, junto ao local onde Bleriot abrigou o seu aeroplano, um monumento que será cons-

tituido por um bloco de granito com a seguinte inscrição:

«Este monumento foi elevado pelo «Aero Club» de França para comemorar o glorioso vôo de Luiz Bleriot em aeroplano, sobre a Mancha, desde Baraques, junto a Calais, até Douvres em 25 de julho de 1909.»

Este facto deveras sensacional, foi, como se depreheende, das consequencias que citamos, um verdadeiro acontecimento, e um dos mais brilhantes arrances que a ciencia moderna tem a juntar a tudo quanto até á data estava já escripto sobre aviação, tendo Bleriot direito a ser incluído em um dos logares primeiros entre os mais celebres aviadores que o principio do seculo xx tem creado.

A travessia da Mancha terá como primeira consequencia lançar o commercio dos aeroplanos, e se, animados por esta experiencia, alguns arrojados tentarem repeti-la, não será de espantar que, em breve tempo, as viagens por mar ou por terra sejam, talvez, vantajosamente substituídas pelas viagens aereas.

ANTONIO A. O. MACHADO.



ESPAÑA E MARROCOS

Desde os primeiros dias de julho que os marroquinos do Rif se quizeram opôr aos trabalhos do caminho de ferro, em volta de Melilla, possessão espanhola no territorio africano, vendo-se por isso as forças espanholas de occupação obrigadas a defender os trabalhos da linha e a despensar os rifenhos. Este conflito, que a principio pareceu ser como tantos outros de igual natureza, mas que em pouco se tem resolvido, não o foi desta vez, assumindo proporções de uma guerra com barbaros.

A possessão espanhola de Melilla é uma cidade á beira do Mediterraneo, com uma população normal de umas 3.000 almas. Bem fortificada pelo lado de terra e sofrivelmente defendida pela sua costa, seu commercio é de pouca importancia, pois o porto não pôde ser demandado por navios de alto bordo, em razão de ser pequeno e pouco fundo. Melilla foi colonia romana, *Busadir oppidum* da Mauritana Tingitana. Os espanhoes apoderaram-se della nos fins do seculo xv e fortificaram-na; os mouros, porém, puseram-lhe apertado cerco em 1774, mas foram repellidos, não perdendo, contudo, a ideia de se apoderarem da cidade para o que lhe tem feito repetidas investidas os mouros do Rif, que vivem em volta e são pessimos visinhos.

Denomina-se Rif a região de montanhas da Africa septentrional na costa mediterranea de Marrocos, formando um simicirculo em volta de Melilla, e numa estensão de cerca de 200 kilometros entre os cabos de Almira a O. e o de Tres forças a E. As suas montanhas elevam-se a altitudes de 1.500 a 2.000 metros. Em geral incultas e até frias, os seus habitantes são semi-selvagens, vivendo da rapina e inteiramente senhores das suas montanhas, onde não permitem o acesso de estranhos.

São estes os visinhos dos espanhoes em Melilla e com quem se estão havendo numas sortidas de guerrilheiros, que assumem as proporções de uma guerra em que os mortos e feridos se contam já por alguns milhares.

A Espanha, principiando por intervir, como encarregada da policia, conforme a conferencia de Algeciras, para restabelecer a ordem, viu-se a breve trecho ameaçada na occupação de Melilla, tendo deante de si uma guerra santa, por assim dizer, em vista do fanatismo dos mouros, incitados pelos seus *santões*.

Não ha duvida que se está na expectativa de uma guerra seria, que mais parece preparada pelos mouros com todas as manhas que lhes são peculiares, para tentarem repelir do seu país todo o elemento estrangeiro e cristão, e de que afinal o ataque ás obras do caminho de ferro bem poderá ter sido um pretexto para uma guerra a valer, tantas são já as forças que elles apresentam para a luta, armadas com armas Mauser, e sobre tudo com uma decedida vontade de se baterem com toda a valentia de que são dotados.

A Espanha viu-se desde logo na necessidade de reforçar a sua guarnição de Melilla, e de reforço em reforço já enviou a Marrocos 22.500 homens, tendo por comandante em chefe o general Marina, governador de Melilla.

Este dispendio de forças, porém é apenas para manter a defensiva, sem entrar pelo Rif, pois

para isso já se fala que serão precisos 70.000 homens, pelo menos.

Os indomaveis rifenhos tem atacado as forças espanholas com extraordinaria audacia, custando muito caras a estes algumas vitórias que têm tido.

Nos encontros ocorridos até á data, os espanhoes tem perdido cerca de trinta officaes superiores e não menos de dois mil soldados entre mortos e feridos. Entre os officaes mortos, contam-se o general Pintos, o coronel Cabrera e o major Ibañez Marin, um dos mais distintos ornamentos do exercito espanhol. Ibañez havia feito a campanha de Cuba, ajudante do general Segura, e nella ganhou o posto de major. Era um notavel orador e escritor, tendo publicado muitos estudos literarios e historicos; diretor da *Revista tecnica de infantaria e cavalaria*, nela deixou importantes escritos e um estudo bibliografico da Guerra da Independencia.

Nota-se que os rifenhos atiram, acaso, de preferencia aos officaes como meio de desmoralizar os soldados e estes mais tem pericido, por assim dizer, na luta de corpo a corpo, do que em combate regular. Naquelle luta tem-se produzido heroismos dignos de nota, tanto em embuscadas dos rifenhos, como em actos de verdadeiro desespero de parte a parte. Ainda num ataque dos rifenhos a columna espanhola, do comando do coronel Cabrera, ocorrido em a noite de 22 de julho — os rifenhos atacam de noite ou de dia — depois de algumas horas de fogo que durou até ás 7 horas da manha, os rifenhos foram recuando para as montanhas, perseguidos pelos soldados espanhoes a descargas cerradas e cargas de baioneta. Quando o coronel Cabrera se julgava seguro com a sua gente e dirigindo-lhes uma fala, foi traiçoeiramente ferido de bala que o derrubou morto do cavallo. Então, officaes e soldados, indignados, lançaram-se novamente sobre os mouros em carga á queima roupa em que maior numero morreu de parte a parte, só desistindo os rifenhos quando chegou um reforço de tropas que os poz em debandada.

E nestas condições se tem realizado os combates, não se respeitando por parte dos mouros nemhumas leis de guerra.

Para aumentar este mal, que não é pequeno, esta guerra inesperada não está na vontade do povo espanhol, que se tem oposto á mobilização do exercito para Marrocos, manifestando fortemente o seu desagrado.

O estado dos espiritos no país visinho não é tranquillo, não sendo preciso muito para que mais se exacerbem, de que resultou a Catalunha revoltar-se, e muito especialmente Barcelona, onde o povo armou barricadas, resistindo á força armada que queria estabelecer a ordem.

O governo de Maura teve de decretar o estado de sitio e suspensão de garantias em toda a Espanha, onde a revolução tende a alastrar-se, não obstante ter sido sufocada pelas tropas em Barcelona, não sem grande numero de victimas, depois de se terem praticado os maiores horrores, incendiando os revoltosos grande numero de edificios em que se contam 55 igrejas e conventos, numa verdadeira furia destruidora.

Assim se encontra a Espanha com uma revolução de portas a dentro e uma guerra em Marrocos, em que não é facil reconhecer qual mais barbara pelas atrocidades que em uma e outra se estão cometendo sem ainda se prever até onde chegará, apesar dos telegramas communicarem que está restabelecida a ordem e Barcelona volta á normalidade de sua vida ática e comercial.



A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1100)

Atravessar a lagôa a nado, encheria de terror o homem mais corajoso.

Antes queria arriscar a vida, do que vêr-me a braços com as serpentes do lago, que via agitarem-se por entre os limos.

«Prompto, Jasper Begg — disse comigo mesmo. — Eis o teu fim e o da tua empresa.»

Como podia eu esperar outra coisa, conhe-

cendo como conhecia a gente que povoava a ilha de Ken?

Só quem estivesse nos meus casos, puderia avaliar o que n'aquelle momento passou por mim.

Uma noite escura, como tinta de escrever; eu e a minha gente no meio d'um bosque espesso; á nossa direita, rochas escarpadas que se elevavam quasi até ao céu; e deante de nós, um charco de agua negra, cheia de limos e reptis que pareciam feitos de fogo azulado e phosphorescente.

A' esquerda um espesso mattagal, que crescia sobre um terreno pantanoso. Por de traz, os bandidos de Czerny, que tinham assassinado os infelizes naufragos do *Santa Cruz*! E não eramos mais de quatro para lutar com elles!

Parámos todos, á borda do charco, sem sabermos o que havíamos de fazer, como se nos fugisse a ultima esperanza.

— Acabou-se tudo! — disse Peter Bligh, retrocedendo alguns passos como a tomar balanço para se lançar ao charco. — Tenho visto serpentes falsas e serpentes verdadeiras, mas estas, causam-me calafrios.

— Calafrios ou não, o que é certo é que os outros estão aqui antes de cinco minutos. E que se ha de fazer, Peter? — perguntei sem saber que partido devia tomar.

Seth Barker, o gigantesco carpinteiro, foi o unico que respondeu a esta pergunta:

— Cá por mim, se o capitão dá licença, vou ver se despacho alguns á cacetada.

E collocando-se no meio do estreito carreiro, com o formidavel cajado na mão, convidou-nos para assistir á festa.

Todo o bosque estava cheio de um rumor de vozes humanas, que se chamavam umas ás outras. Ao longe e ao perto, ouviam-se as perguntas e respostas, bem como certos signaes que são usuaes entre salteadores.

Compreendi que se não passariam muitos minutos, sem que elles estivessem connosco a contas, e com effeito, ainda não tinha completado este pensamento, quando um d'elles saltou fóra do mattagal, e foi cair quasi nos braços de Peter Bligh.

Pobre infeliz! Foi a ultima noite que passou cá n'este mundo, porque Peter agarrou-o como se fosse uma criança, e atirou-o para o meio do charco, ainda antes d'elle se inteirar como teria ido ali ter.

N'unca vi morte mais horrivel, mas, Deus sabe, que fóra elle proprio que a escolhera.

Quanto a Peter, causou-lhe isto tal surpresa, que depois de atirar com o homem para o meio do lago, poz-se a chorar como uma criança e deu-me bastante trabalho em o fazer tomar animo.

— Não foi nossa a culpa, — lhe disse — Estamos aqui para salvar uma mulher, e o que tivermos de fazer, faremos. Sigam o meu conselho, rapazes: voltemos atraz e deitemos a correr quanto pudermos. Vale mais morrer de um tiro na cabeça, do que devorado pelas serpentes do charco.

Ficaram como desanimados e puzeram-se em volta de mim, afim de eu os proteger.

Seth Barker, apesar de ser tão granjolaço, começou a dizer não sei que incoherencias; Dolly estava tão nervoso que de vez em quando assobiava para disfarçar.

— Está bem, homem, está bem. Mostra-lhes onde estamos e depois pergunta-lhes como passam as respeitaveis familias. Pelo que vejo estás cansado de andares cá por este mundo, e queres ir vêr o outro, não? Olha, se tens ahí um phosphoro, será melhor accendel-o para lhe mostrares o caminho.

Deixou repentinamente de assobiar e um minuto depois, envergonhava-me de ter falado d'esta maneira ao pobre rapaz, o qual tinha direito como qualquer outro, a ter medo n'aquellas circumstancias.

— Vamos, — tornei depois carinhosamente, — mantem-te perto de mim, Dolly, e se não souberes onde estou, estende a mão e procura-me. Tenho corrido aventuras peores do que esta, e tenho-me saído bem. No fim de contas, temos um navio á nossa espera ali na costa, e com Mr. Jacob não podem elles metter-se. Portanto, toca a dar á canella, o mais que possa ser.

Dizia isto para os animar, porque eu mesmo não estava muito seguro do resultado, e no meu entender a salvação era quasi impossivel.

Pelo menos assim o julgava, quando occorreu com a rapidez d'um raio, qualquer coisa que Peter Bligh foi o primeiro a descobrir.

— São pirilampas ou lanternas — exclamou elle — Ali, pelas penhas!... São pirilampas ou lanternas? Reparem!

Emquanto eu observava, Seth Barker, exclamou:

— São lanternas. Tenho a certeza de que são lanternas, capitão.

— E são as tres pequenas que já vimos, que as levam — concluiu Dolly Venn.

— Não ha mulher que seja capaz de fazer mal a uns pobres marinheiros — chasquiou Peter Bligh.

— Não direi o mesmo do homem-leão a quem vimos as pequenas acariciarem — disse Seth.

— Rapazes! Isto é um pouco inesperado e não penso em deixar fugir uma occasião tão boa que se nos apresenta. Vou perguntar a essas senhoras, qual é o caminho mais curto para os montes, e não perco tempo em fazel-o.

A todos agradou esta idéa, e corremos juntos ao encontro das raparigas. As vozes do bosque iam-se approximando cada vez mais de nós, e já se ouviam em todas as direcções.

Quanto ás lanternas, pareciam saltar de rocha em rocha como pirilampas em noite de verão, mas receava que desaparecessem quando menos o esperasse.

Cada vez que se sumiam aquellas luzes, cahia-me a alma aos pés, e com effeito, assim succedeu quasi no momento em que me encontrava cara a cara, com a pessoa com quem eu menos desejava encontrar-me.

A estranha personagem a quem Seth Barker chamára homem-leão, o velho vestido de farrapos que as raparigas haviam festejado, appareceu de repente á direita do carreiro, deante de nós, levando uma lanterna como para nos prevenir, e chamando-nos com palavras que revelavam um amigo.

— Jasper Begg — chamou elle n'uma voz que bem se via pertencer a um francez. — Segue Clair-de-Lune, segue, segue...

Quando nos dirigimos para elle, fomos encontrá-lo deitado no chão, com o ouvido quasi collado á terra, e ao approximarmos, deitou a correr, de gatas, levando a lanterna diante de si.

Assim nos guiou até ao alto do monte, e quando olhei para os elevados picos das rochas, que pareciam agulhas de campanarios, gothicos surgindo da obscuridade, comecei a crer, que aquelle homem estranho, era realmente um amigo e que entre as penhas e montes é que estava a nossa salvação.

Mas tambem podia ser o contrario e succeder termos cahido n'um laço, quando julgavamos estar salvos.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O livro do Tenente Mario de Campos sobre o desenho panoramico militar

Le perspective est la partie scientifique de l'art du dessin, qui a pour but de mettre les objets à la place, à la distance où nous voulons le représenter.

ANTOINE ÉTEX.

Ha pouco tempo um distincto official de cavallaria, habilitado com o curso de guerra, o sr. Antonio Mario de Figueiredo Campos, publicou um interessante livrinho que trata do desenho panoramico militar, livro que espalha uma luz clara, sobre um dos principaes ramos da instrucção das tropas, ha muito cultivado mas mal comprehendido, e que bem devia ser attendido e largamente aproveitado por todo o official que, comprehendendo a sua alta e difficil missão na guerra, veja claramente que é este um dos conhecimentos profissionais mais uteis e que devem ser possuidos pelos quadros d'um exercito para poder bem desempenhar-se do serviço de campanha.

Ha entre nós o errado preconceito de que só aquelles que teem aptidão para o desenho podem executar um *croquis* que possa traduzir ou representar o aspecto dos campos e o da natureza em geral; é um falso juizo que muito concorre, pela suggestão, para impedir e travar na sua aprendizagem aquelles que, tentando approximarem-se da verdade, aproveitam mal o tempo no meio das suas infundadas hesitações, pois é bem certo, como o auctor do livro, nos diz no seu prologo, que: *esta classe de desenho tem certos caracteres particulares e uma factura propria, exprimindo mais os conhecimentos militares de quem o executa, ao pôr de parte o inutil e accentuar o importante, do que o bom gosto do artista que, desprezando o que desconcerta, procura somente obter o agradável á vista segundo as leis da esthetica e da harmonia.* A sua technica deve exigir mais decisão e firmeza nos traçados do que execução apurada e artistica.

O que se necessita para a sua execução e o que se quer principalmente para o desenho militar é a clareza, a honestidade e a dextreza na execução, e assim será esta certamente a melhor fórma, e o mais nitido e racional processo para representarmos, ao alcance de todos, uma zona de terreno onde váe effectuar-se uma operação de guerra.

Descrever uma zona de terreno com as suas elevações e depressões, com os seus macissos de verdura, com as suas vias de communicação, com os valles e sebes que a cortam, enfim, com todos os accidentes naturaes e artificiaes definidos de grandezza e posição, seria uma cousa laboriosa e infundavel e que exigiria uma linguagem e referencias pouco praticas. Um *croquis* mesmo grosseiro, dando as distancias, posições e fórma dos objectos d'essa zona, embora approximadamente, tem uma vantagem incalculavel sobre essa descripção por mais completa e perfeita que seja produzida.

E' o sentido da vista, que mais nos ajuda o entendimento e aquelle que mais facilmente nos grava na memoria as cousas materiaes e palpaveis, portanto o desenho, que é a escripta universal da fórma, por muito incompleto que seja, avanta-se a todo o discurso oral ou escripto, porque a sua observação e analyse são feitas que a leitura e porque tomam menos tempo do que as vistas, ou a audição de um discurso.

O que é facto é que, melhor ou peor executado, é o desenho panoramico de uma utilidade incontestavel para todo o militar, sendo o seu estudo e cultivo indispensavel e muito particularmente no momento actual em que a guerra toma proporções inconcebiveis e cyclopicas.

E' pois tão essencial um official saber desenhá-lo como saber escrever, e ainda mais, o desenho facilita a sua missão na guerra porque dois traços bem caracterisados dizem mais do que um fatigante e maçado relatorio. E' ainda o desenho, sob o ponto de vista militar, um complemento da photographia que se queira applicar, pois esta não accusa certos accidentes.

Falla os olhos menos experimentados e é, por-

tanto, de mais facil comprehensão do que uma linguagem convencional, dando ainda a expressão plastica do terreno. E' o educador da vista, ensina a apreciar rapidamente o terreno, e a adquirir a faculdade de pormenorizar o campo sob os seus multiplos aspectos.

O livro do tenente Mario de Campos veiu preencher uma grande lacuna e prestar ao exercito um relevante poderoso auxilio, sendo poucos os encomios que lhe sejam dirigidos.

Divide-se o interessante livro em tres capitulos, tratando o primeiro de umas noções breves de perspectiva linear e aeria, base indispensavel de todo o desenho panoramico, a sciencia de Casagne, e que o Tenente Campos expõe com proficiencia, clareza e simplicidade, indicando depois a maneira de educar a mão e a vista. O segundo capitulo occupa-se da execução de um esboço panoramico e diz nos quaes são as varias operações que constituem o methodo para obter esse esboço.

Estas indicações importantes e seguras fundam-se no bello livro de Lefebvre — *Le paysage militaire*.

O terceiro e ultimo capitulo trata das applicações praticas e trata-as de modo que nos satisfaz plenamente sob o ponto de vista militar.

Ao concluir o seu livro, o talentoso auctor fecha-o com estas judiciosas e sábias palavras cheias de entusiasmo e de creença:

«Ao terminar mos um assumpto tão interessante e que cremos firmemente ter apenas esboçado, constituindo, portanto, o nosso estudo um ponto de partida, um marco inicial, que outros mais proficientemente desenvolverão, abriga-nos a esperança de termos frisado bem essa iniciação.

«Porém, como a aridez do meio ambiente desarma a vitalidade do esforço mais consciencioso, como a melhor vontade e a mais feliz iniciativa se tornam bem depressa estereis se, em consequencia da indifferença, se sentem isoladas, resta nos expressar o desejo de que este simples e modesto trabalho possa seguir, impellido por um generoso e nobre amparo».



TENENTE MARIO DE CAMPOS

A esperança do sr. Tenente Campos não foi felizmente desiludida porque, apenas o seu valioso trabalho saiu do prélo, logo encontrou nas estações officiaes o acolhimento de que é merecedor, no sr. General José Joaquim da Silva Monteiro, illustre director da arma de Infantaria, que lhe prestou o generoso e nobre amparo de que o auctor, aliás modestamente, diz carecer.

O sr. general Silva Monteiro, espirito esclarecido e cultivado, official distincto e sabedor, e como tendo feito a sua carreira no serviço effectivo regimental, profundo conhecedor do quanto os esforços individuaes dos officiaes do nosso exercito carecem do indispensavel estímulo para que fructifiquem tanto quanto são capazes e colham a sequer modesta recompensa, tantas vezes regateada, de ver tomado em consideração o seu trabalho o que lhes basta para os animar a

maiores e mais forçados emprehendimentos, acaba de expedir em circular aos corpos, ordem para que todos os officiaes e sargentos se exercitem na pratica do desenho panoramico militar, como sendo um dos conhecimentos que mais aproveitam na realisacão dos conhecimentos militares os quaes, nas guerras modernas, assumem uma altissima importancia.

Vendo perfilhadas e postas em pratica as ideias expendidas no seu livro, o sr. Tenente Campos deve pois felicitar-se como nós o felicitamos, não só por ver coroados os seus esforços e productivo o seu trabalho, mas ainda porque reconhecemos que as estações tutelares estão dispostas a auxiliar a valer os que tão desinteressadamente trabalham pelo aperfeiçoamento da nossa instituição militar.

RIBEIRO ARTHUR.



PUBLICAÇÕES

A Creança Abandonada — *Historia de um velho barco e dos seus tripulantes*, por Alphonse Daudet.

É o segundo volume publicado da *Biblioteca da Infancia*, coleção ilustrada de leituras educativas, sob a direção literaria do sr. Victor Ribeiro, da Academia Real das Ciencias.

O OCCIDENTE referiu-se largamente á *Biblioteca da Infancia*, em seu n.º 1096,

Homenagem á memoria de Trindade Coelho no Cemiterio Occidental



O SR. DR. HENRIQUE TRINDADE COELHO
AGRADECENDO A HOMENAGEM PRESTADA Á MEMORIA DE SEU PAE

Passou hontem o primeiro anniversario da morte do dr. Trindade Coelho, e o Grupo Benficiente Solidariiedade, promoveu uma visita ao tumulo do grande patriota e propugnador da instrucção para a qual escreveu o «*Abc do Povo*», o «*Pão nosso*», etc, e como complemento o «*Manual do cidadão Português*». A essa visita, acaso, primeira homenagem devido á memoria do illustre morto, foi uma manifestação de piedosa saudade de todos que n'ela tomaram parte e deposeram flores sobre o tumulo de Trindade Coelho. Ali compareceram representantes de varias corporações e muitos amigos, que o sr. dr. Henrique Trindade Coelho recebeu á porta do cemiterio e a quem agradeceu junto ao tumulo de seu pae a homenagem que foram prestar-lhes. Usou então da palavra o sr. dr. Costa Ferreira, em nome do Grupo Beneficiente Solidariiedade, agradecendo ás pessoas presentes o terem-se associado aquella homenagem e enaltecendo a memoria do honrado cidadão a quem a patria muito deve.

apreciando o primeiro livro publicado: *Narrativas e Lendas da Historia patria (Conquista e Organisação do reino de Portugal)*, e fazendo vêr a utilidade de livros como este para a educação da infancia da forma mais amena, e bem assim a beleza artistica do livrinho, não menos recomendavel tambem como um delicado e apetitoso brinde para as creanças.

O segundo volume agora publicado, *A Creança Abandonada*, escrito por Alphonse Daudet, que o dedicou a seu filho Luciano, é um mimo da literatura franceza contemporanea, em que o seu autor ganhou um nome universal.

Foi, pois, bem escolhido para a *Biblioteca da Infancia* que assim vae cumprindo seu programa de reunir as joias das literaturas portugueza e estrangeira, no que ellas teem de mais apropriado ás creanças.

A apresentação deste segundo volume, não desdiz do primeiro, na linda encadernação e execução tipografica, em magnifico papel, tudo pela insignificante quantia de 300 réis, um prodigio de baratesa de livraria, atendendo á forma porque é apresentado, que não pôde ser mais elegante nem mais artista e de fino gosto, sendo o melhor de encadernação, em percalina de fantasia que temos visto, o que não nos surpreende, sabendo-se que estas encadernações são feitas nas oficinas do sr. Alfredo David proprietario da *Biblioteca da Infancia*.

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dór

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas

ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso
6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA



PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

PINTOR PHOTOGRAPHO DE SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra, 8 medalha d'ouro e 2 de prata
Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 78 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis